# Fala que eu te escuto - 01/08/2015

A voz como algo concreto não existe. Porque a voz preenche um espaço, porque  
ela nos aproxima das outras pessoas, porque ela nos toca, \_parece\_ que ela  
existe. Mas não, a voz é uma designação, um símbolo que remete a um nada,  
remete a uma forma vazia. Pensemos na voz, o que é a voz? Alguém já viu uma  
voz por aí? A voz é um barulho como outro qualquer, mas tendemos a achar que a  
voz tem poder. Tudo não passa de mecânica, ondulatória, enfim. Há uma vibração  
que se desloca no ar, no tempo e no espaço, há um som acontecendo agora que me  
toca. A voz é uma codificação dos órgãos vocais - esses sim existentes, uma  
proliferação acústica no ar, uma decodificação dos órgãos auditivos, tudo isso  
junto e num intervalo de tempo quase instantâneo. Não há uma voz única e solta  
no ar. Não há um ser voz, há toda uma transferência de ondas que se deslocam  
em um meio.  
  
Não há nenhuma garantia de comunicação limpa e ideal pela voz. Nas  
codificações e decodificações há uma presunção de transferência de conteúdos  
mentais, há uma semântica e uma sintática embutidas na mensagem que se desloca  
pelo meio de propagação. Há um discurso lógico intrínseco que se vale de uma  
regra estabelecida e que é admitido por todos. Mas há um sentido que se quer  
expressar que não é garantido. A interpretação é pessoal, independente de tudo  
o que há de objetivo e que garante a comunicação intersubjetiva. Mas o escutar  
e o consentir não significam em hipótese alguma um assentimento relativo ao  
sentido. Você fala, eu escuto e \_pareço\_ concordar, mas não posso me  
comprometer com você. Não por uma questão ética, mas porque: 1.) como sua  
mensagem me toca e 2.) quais os efeitos intelectuais que ela me causa, ambos  
os eventos são secretos e somente meus porque competem à minha psique. Não há  
pacto de sangue que garanta isso. Não me venha cobrar depois por certo  
assentimento baseado nessa transmissão cheia de ruídos. Apenas um pode  
concordar com o que foi dito: o emissor. E mal ele, porque ele quer algo  
quando fala, mas ele quer algo naquele momento. Depois, em um segundo momento,  
ao defender o dito, o dito virou objeto, o que se defende agora é a  
supremacia, uma coerção, porque nunca pode haver um acordo. O interesse é  
sempre de quem propõe e baseado em inúmeras condições empíricas determinadas  
de cada momento.  
  
Discutamos eu e você todo dia o mesmo assunto, alguma ideia em que  
discordamos. Certamente a cada dia a discussão será diferente porque a cada  
dia somos tocados por novas informações e influenciados por opiniões que nos  
afetam e sentimentos e pensamentos que criamos. Mais do que isto, a discussão  
de hoje tem por pressuposto a discussão de ontem, já está dentro de um plano  
de imanência e de diálogo estabelecido. Assim, é absolutamente certo que a  
fala é algo contingente e que seus desdobramentos podem ser imprevisíveis.  
  
É desse contexto de imprevisibilidade que a autoridade se aproveita. A  
autoridade quer recuperar o dito e transformá-lo em verdade. A autoridade quer  
realizar o dito, mas ele já foi dito, agora ele não é mais nada. E, quando foi  
dito ele se valeu do desejo do emissor, lá ele queria e teve o assentimento  
pretendido e agora cobra, conforme já aventamos, não o dito, mas o assentido.  
Mas sabemos que a realização do dito, a fala em si mesma, não é nada de  
especial e separada, a fala é a conjunção dos seus órgãos orais, do meio e dos  
meus órgãos auditivos, além de infinitos outros ruídos de toda ordem. Uma  
simples resposta, um assentimento não é um consentimento. Se cobre pela sua  
pretensão de querer verborragicamente me submeter. Você talvez saiba o que  
pretendeu e o que queria. Parece-me muito mais que você quer sempre adesão e  
não comunicação.  
  
Houve momentos em que a fala moveu multidões: Hitler moveu milhares para  
debaixo da terra ou os transformou em cinzas espalhadas pelo ar. E tantos  
outros exemplos... Nesses casos, a contingência virou necessidade, mas a  
necessidade não é da fala porque a fala é o meio, ela é instrumentalizada para  
mover. A necessidade vem de fora, há uma força externa operando. Aqui não há  
ruído na transmissão porque todos sabem o que querem escutar. Não culpemos  
Hitler e sua propaganda, não culpemos a mecânica do seu som. Havia uma causa  
muito maior em jogo e que já estava dada, aquilo foi necessário. Todos aqueles  
eventos encadeados só nos fizeram parecermos mais homens do que jamais  
teríamos sido outrora. Ali nossa humanidade aflorou, desabrochou regada por  
chuva ácida. Foi lá que as contingências se cruzaram e dali brotou a  
necessidade de provarmos que sim, podíamos fazer aquilo porque éramos  
imbatíveis. Mais do que nunca, ali a fala mostrou sua contingência, mais do  
que nunca a autoridade se aproveitou da fala concreta e, fingindo ser  
necessária, nos fez acreditar que não havia e não há acordo entre nós. Mas ali  
também nos provou que concordar com a fala autoritária não é consentir  
psiquicamente, mas covardemente delegar nossa própria responsabilidade.  
  
Por isso, não me venha com sua fala mansa, com uma conversinha mole. Não  
queira me convencer para me vencer. A sua fala é a minha fala porque a sua voz  
só é algo porque estou aqui com meu corpo e meus órgãos. Não queira que eu  
concorde, fala que eu te escuto. Só isso.